



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14304 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT09 - Trabalho e Educação

PEDAGOGIAS EM MOVIMENTO: PRÁTICAS EDUCATIVAS NA EXPERIÊNCIA COLETIVA DE MUTIRÃO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE MURUTEUAZINHO, MUNICÍPIO DE SANTA LUZIA DO PARÁ

Joana Keylla de Sousa Trindade - UFPA-PPEB – UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

PEDAGOGIAS EM MOVIMENTO: PRÁTICAS EDUCATIVAS NA EXPERIÊNCIA COLETIVA DE MUTIRÃO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE MURUTEUAZINHO, MUNICÍPIO DE SANTA LUZIA DO PARÁ

Resumo: O trabalho busca analisar as práticas educativas do mutirão na Comunidade Quilombola de Muruteuazinho, analisando, também, a aprendizagem adquirida nos movimentos e associações do campo. Com abordagem qualitativa, seguindo o estudo de caso com levantamento bibliográfico e, entrevistas semiestruturadas, observação. A análise dos dados aconteceu concomitante ao processo de levantamento dos dados. As conclusões obtidas a partir dos dados coletados tanto dos autores estudados como dos sujeitos entrevistados foram que a prática do mutirão, a atuação nos movimentos sociais, associações e cooperativas se constitui como um processo educativo para os sujeitos do campo perpassando a vida dos mesmos desde a infância a vida adulta, contribuindo com a formação pessoal e social dos sujeitos.

Palavras-chave: Práticas educativas, Mutirão, Movimentos Sociais.

Introdução: O presente trabalho é fruto de pesquisa realizada em uma comunidade quilombola no Município de Santa Luzia do Pará, para o trabalho de conclusão de curso da Especialização em Práticas Pedagógicas na Educação do Campo. Onde se abordou a

aprendizagem adquirida nos trabalhos coletivos desenvolvidos na comunidade de Muruteuazinho, como foco na prática do mutirão.

Tendo por objetivo, compreender as experiências coletivas que se constituem em práticas educativas nos coletivos da comunidade quilombola de Muruteuazinho a partir da atuação em movimentos sociais camponeses.

O mutirão é uma prática coletiva historicamente vivenciada pelos camponeses em geral e de modo particular pelas comunidades tradicionais. É um processo de trabalho que é educativo e formador da identidade coletiva de uma comunidade quilombola, onde se vivencia a solidariedade entre seus membros e a ajuda mútua. Sendo, portanto, importante mecanismo de aprendizagem a ser desenvolvida nas práticas educativas da escola.

A questão problematizadora, portanto, baseia-se sobre como é possível trabalhar em sala de aula práticas pedagógicas do trabalho do mutirão vivenciado pelos quilombolas tendo em vista a condição de ensino que obedece a um sistema de currículo preestabelecido? Ensino esse, que determinado para as escolas foge em muitos casos a realidade específicas da vida no campo, da vida em comunidade, da dinâmica de trabalho em comunidades tradicionais quilombolas.

Tendo em vista que na prática de mutirão presente na realidade do campo e que tal prática se constitui como educativa, porque a partir dela se aprende modos de se relacionar, de trabalhar e conviver, o seu processo se configura em um trabalho que resiste no tempo num modelo contrário ao sistema de trabalho mercadológico. O trabalho no mutirão não se dá numa perspectiva de trabalho remunerado, trabalho empregatício, mas trabalho como princípio educativo, pois forma seres humanos, nele os sujeitos do campo criam e recriam seu ser no mundo, sua cultura, seus saberes, sua interação com a natureza, (FRIGOTTO; CIAVATTA; RAMOS, 2005).

Metodologia: Os percursos metodológicos utilizados para esta pesquisa seguiram abordagem qualitativa, onde se faz possível analisar a relação entre os dados coletados e observados com a os dados teóricos (Laville, 1999). Utilizou-se do estudo de caso, que segundo (YIN, 2001) é uma estratégia abrangente de pesquisa e permite trabalhar com diversas evidências como a entrevista, observação, etc. com a intenção de analisar com profundidade os vários aspectos das práticas educativas adquiridas nos trabalhos coletivos da comunidade.

A coleta de dados se deu por meio de observação e entrevistas semiestruturadas tendo como critério de escolha um morador e sócio da associação da comunidade que fora indicado pelo professor da comunidade, por ser um dos mais velhos da comunidade e atuante no mutirão e associação, tendo em vista a necessidade de conhecer o histórico de experiências da comunidade nos trabalhos coletivos e sua atuação no mutirão. Também foi entrevistada uma moradora sócia da associação comunitária e da associação de mulheres, com o intuito de conhecer a relação das mulheres no coletivo. E para entender o processo educativo na sala de

aula da comunidade, foi entrevistado, também, professor da comunidade para se ter uma visão de como as práticas desenvolvidas no mutirão são utilizadas na prática da sala de aula.

O levantamento dos dados inevitavelmente acontece concomitante a análise dos dados na pesquisa qualitativa. Segundo Trivinos (1987) esses dois momentos da pesquisa se retroalimentam. Neste caso, sendo necessário, por vezes, recorrer aos sujeitos durante a pesquisa na comunidade por meio da escuta e observação. A análise buscou relacionar o embasamento teórico com as informações obtidas em campo por meio de observação e entrevistas.

Análise e discussão de resultados: Para se compreender a importância do trabalho coletivo da vivência em movimentos sociais e a contribuição dessa vivência para o processo educativo dos sujeitos do campo, o presente trabalho discorre sobre os seguintes temas:

APRENDIZAGEM EM MOVIMENTOS SOCIAIS DO CAMPO, onde se discute que é nos movimentos sociais que os camponeses aprendem e se reaprendem enquanto sujeitos de direito, desde a infância. De forma coletiva entre os moradores ou particularmente nos espaços privados de suas famílias nas produções da roça, plantios, manejos do solo, das florestas, pesca, caça, artesanatos, nas práticas de mutirão em comunidade que estimulam a cooperação, a ajuda mútua e a reciprocidade (CALDEIRA 1956). Uma aprendizagem pelo exemplo, vendo o que a família está fazendo, o jeito como fazem (CALDART, 2011). Uma aprendizagem que vem do trabalho. Um trabalho que educa.

PRÁTICAS EDUCATIVAS EM MOVIMENTOS NO QUILOMBO DE MURUTEUAZINHO: Mutirão comunitário e associação, as práticas educativas na Comunidade Quilombola de Muruteuazinho acontecem de maneira diversa tanto no ambiente de sala de aula, quanto nos processos de trabalho coletivo dos comunitários através das associações, prática do mutirão, reuniões comunitárias e relações externas a comunidade com movimentos sociais e grupos parceiros.

A comunidade conta com grupos de Mulheres Guerreiras, ACQUAM – Associação Quilombola Agroambiental de Muruteuazinho desde os anos 70. Os coletivos organizados da comunidade atualmente são a Associação Comunitária Quilombola Agroambiental de Muruteuazinho – ACQUAM, grupos religiosos católicos e evangélicos, um grupo de mulheres que produzem artesanatos, costura, crochê, tapetes etc. Esses produtos são vendidos em feiras culturais quando há oportunidade.

HISTÓRICO DE PARTICIPAÇÃO EM MOVIMENTOS CAMPENSINOS, as primeiras organizações coletivas na comunidade são de 1978 e aconteciam nas práticas religiosas com rezas nas casas dos comunitários de iniciativa dos próprios moradores incentivada posteriormente pela igreja católica. Por volta de 1986 e 1987 começam a acontecer o primeiro envolvimento com políticas sindicais e partidárias e a participação no II Congresso Nacional da CUT no Rio de Janeiro. Porém, Santa Luzia do Pará, ainda pertencia ao Município de Ourém, emancipando-se em 1992 e junto com isso adquirindo também o

Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais do próprio município. [\[1\]](#)

ASSOCIAÇÃO DE MULHERES – MULHERES GUERREIRAS, o grupo de mulheres que se organizam em associação na comunidade, é chamado de Mulheres Guerreiras. Inicialmente chamado clube de mãe, se organizavam para fazer suplemento alimentar para as crianças, incentivadas pela pastoral da criança. Organizavam turmas de alfabetização por conta própria, entre outras ações. Hoje, as mulheres do quilombo de Muruteuazinho realizam atividades com artesanatos, vendas de comidas em períodos de festividade, ajuda mutua entre si e para com a comunidade em geral, auxiliando nos casos de algum comunitário quando se encontra doente ou com dificuldades financeiras. Essas são práticas peculiares dos povos do campo de valores humanos solidários e fraternos (TARDIN 2012). Mas, que agora se fazem a partir de uma organização específica, no caso, de mulheres.

O MUTIRÃO, o mutirão é em si uma característica de trabalho coletivo e cooperativo das comunidades camponesas, especificamente, as comunidades tradicionais indígenas e quilombolas. No Brasil, o mutirão é herdado pelas culturas portuguesas, africanas e indígenas e posteriormente, estimulada por grupos comunistas e parte da igreja católica (CHRISTOFFOLI 2012). Na Comunidade Quilombola de Muruteuazinho, acontece atualmente em benefício da manutenção do espaço coletivo da associação comunitária. Mas como todo trabalho, o mutirão também é composto por desafios, apontado pelos entrevistados pela diversidade de ideias que cada pessoa tem, pelas divergências político partidárias e religiosas. O interesse de cunho econômico é apontado como uma barreira para que o trabalho coletivo continue, pois, algumas pessoas não veem um retorno econômico nos trabalhos da associação e perdem o interesse em participar.

AS POSSÍVEIS IMPLICAÇÕES PARA EDUCAÇÃO ESCOLAR, de acordo com o professor da comunidade em questão, as propostas de ensino com as crianças vêm “determinada de cima”, ou seja, predefinidas pelo município, pelo currículo nacional. Nisso se apresenta o desafio de ensinar na escola a partir da realidade das crianças que veem regularmente os trabalhos na família, na comunidade com a roça, associação, mutirão, a pesca, o deslocamento entre comunidade e de comunidade para as cidades - Santa Luzia do Pará e Capitão Poço – que acontecem via moto e canoa, mas essas práticas e deslocamento não aparecem no conteúdo das aulas: “No livro vem avião, aquelas coisas que os alunos daqui não conhecem. O aluno aqui conhece barco, canoa” (Professor da comunidade, junho, 2022).

Segundo Arroyo (2017) uma maneira de contrapor essa política hegemônica vinda de cima é o trabalho político que se faz nos movimentos, na radicalidade das análises políticas. Essas práticas exigem reflexão contínua do fazer pedagógico do fazer político e da atuação comunitária. Porém, observando a fala do professor, percebe-se que a atuação do professor do campo é isolada, ou seja, não há uma partilha de reflexões promotoras de mudanças acerca da situação da educação nas escolas das comunidades: “Todo mundo aprende a mesma coisa. Não temos autonomia para desenvolver uma aula de acordo com a realidade, porque temos que fazer o que está no livro. A gestão não escuta o professor que está no campo” (Entrevista:

professor Flávio, junho/2022).

Sobre o que é ensinado na escola o professor relata: “Já vem tudo feito, com os códigos para sermos controlados lá de cima. Isso de conteúdo não se discute... Já vem tudo em código para sermos acompanhados”, (Entrevista: professor Flávio, junho/2022), tentar incluir as crianças na vivência do mutirão é tarefa desafiadora. “Eu quase não uso. Quando tinham as reuniões, antes da pandemia, eu levava os alunos para mostrar o que é o trabalho coletivo.” (Entrevista: professor Flávio, junho/2022).

Na tentativa de romper com esses entraves o professor da comunidade afirma que procura mostrar para os alunos a importância do trabalho associativo e do mutirão da comunidade como a necessária aprendizagem da ação coletiva, “a maneira de se organizarem, de se unirem. Explico para os alunos a importância do trabalho coletivo.” (Entrevista: professor Flávio, junho/2022). Para o professor que tem um histórico de atuação em movimentos sociais, a prática educativa dos movimentos o ensinou mais do que a escola, pois afirma ter aprendido a importância do trabalho coletivo e a valorização das mulheres.

Considerações finais: A vivência nos trabalhos coletivos da comunidade ao mesmo tempo que apresenta dificuldades e desafios a serem transpostos, se constitui também como espaços de construção e reprodução de saberes, entendida pelos comunitários como espaço educativos onde se aprende a importância da ajuda mútua, da solidariedade e cooperação entre os vizinhos e, principalmente, se adquire estratégias para vencer crises financeiras, na comercialização conjunto do que produzem, ainda que de forma esporádica, mas que de certa forma, é uma contribuição econômica.

Portando, é preciso aprofundar o assunto, dada a existência de processos formativos, educativos nas práticas do trabalho de mutirão como um princípio educativo, da atuação nos movimentos sociais, associações e cooperativas que precisam serem vinculados ao ensino escolar. Principalmente, fortalecendo o diálogo com outros professores na tentativa de romper a submissão total a um sistema de ensino que não contempla essas especificidades existentes no campo, nas comunidades e suas culturas.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. Passageiros da noite: do trabalho para EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

_____, Miguel G. PEDAGOGIAS EM MOVIMENTO – o que temos a aprender dos Movimentos Sociais? Currículo sem Fronteiras, v.3, n.1, pp. 28-49, Jan/Jun, 2003.

CALDART, Roseli Salete. A escola do campo em movimento. In: ARROYO, Miguel G. et al. Por uma Educação do Campo. 5. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____, Roseli Salete. Por Uma Educação do Campo: traços de uma identidade em construção. In: ARROYO, Miguel G. et al. Por uma Educação do Campo. 5. ed. – Petrópolis,

RJ: Vozes, 2011.

CALDEIRA, Clóvis. Mutirão: formas de ajuda mútua no meio rural. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

CHRISTOFFOLI, Pedro Ivan. Cooperação agrícola. In: CALDART et al. Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

FRIGOTTO, Gaudêncio, CIAVATTA, Maria e RAMOS, Marise. O trabalho como princípio educativo no projeto de educação integral dos trabalhadores. In: COSTA, Hélio da e

LAVILLE, Christian. A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Tradução: Heloisa Monteiro e Francisco Settinieri. — Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMQ, 1999.

TIRIBA, Lia., FISCHER, M. C.B. Produção associada e autogestão. In: CALDART et al. Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. -- São Paulo: Atlas, 1987.

YIN, Robert K. Estudo de caso: planejamento e métodos. trad. Daniel Grassi - 2.ed. -Porto Alegre: Bookman, 2001.

[1] Informação obtida através de conversa com os moradores mais antigos da comunidade, setembro, 2022.